

Educação: uma janela de felicidade

José Bravo Nico

Departamento de Pedagogia e Educação Universidade de Évora

Começando...

Numa época em que a aprendizagem se tem vindo a tornar uma dimensão básica da vida de qualquer indivíduo e em que as oportunidades de aprender têm aumentado de forma exponencial e extravasado, completamente, os antiquados e obsoletos limites espaciais, temporais e institucionais, dos sistemas educativos formais, parece verificar-se uma, cada vez mais forte, **relação entre o aprender, o lazer e o prazer**. Este **triângulo cognitivo-afectivo** é, actualmente, um dos mais sérios paradigmas das formas de viver das sociedades contemporâneas. Aprender com prazer, fazendo dos momentos de aprendizagem, não só uma experiência prévia dos momentos de aprendizagem que se seguirão, mas também uma janela de felicidade no presente, parece-nos ser, hoje em dia, um dos maiores desafios de todos os que se preocupam com a Educação e uma dimensão constantemente renovada da construção da identidade profissional de qualquer educador(a), independentemente do nível em que exerça a respectiva actividade profissional.

Educação, Presente e Futuro

Podemos pensar a Educação, entre outras referências, recorrendo a dois tempos da vida: o futuro e o presente. Em muitas ocasiões, particularmente em contextos de formação inicial, tem-se privilegiado uma visão prospectiva das funções da Educação. A preparação do futuro dos jovens é, frequentemente, uma das funções mais referidas e valorizadas, social e familiarmente. Numa base bastante positiva de causa-efeito, assume-se, algumas vezes, a Educação como um sistema sequencialmente cartesiano, de natureza preventiva, que se assume como uma autêntica vacina para os(as) jovens. Uma vacina que os(as) preparará para um futuro pessoal, social e profissional, numa perspectiva de autêntico investimento económico e social. Uma vacina obrigatória, repleta de iniciações, de esperas, de uma instrumentalidade sempre futura e de uma felicidade nem sempre presente.

No entanto, se pensarmos que os indivíduos, ao acederem aos sistemas educativos formais, aí permanecerão parte bastante significativa das respectivas vidas - eventual e desejavelmente, uma vida inteira - podemos considerar legítima a ideia de que a Educação também deva ser pensada em termos do presente, do **aquí e agora**. Na realidade, se é fundamental que o futuro esteja presente nos contextos educacionais, também se nos afigura absolutamente indispensável que o presente esteja presente nas decisões que se tomam acerca do que deve ser a Educação das pessoas.

No fundo, é importante que os momentos que as pessoas vivem, durante os percursos que realizam nos sistemas educativos formais, sejam momentos significativos e oportunidades de realização, não só numa perspectiva do seu futuro, mas principalmente, do seu presente. Acreditamos que a instrumentalidade futura da Educação dependerá bastante da satisfação e do conforto afectivos proporcionados pelos momentos educacionais formais que se vivem no presente.

Aprender com prazer poderá constituir-se como o mais sólido pilar de uma autêntica educação ao longo da vida. Aprender em qualquer lugar, em qualquer momento, com qualquer outro, poderão ser contornos diferenciadores de situações de aprendizagem em que o denominador comum é o gosto e a felicidade de aprender. O prazer de aprender sempre e com quem quer que seja.

Na realidade, se percorrermos, calmamente, as nossas memórias, procurando situações de aprendizagem que tenhamos protagonizado no nosso passado mais recente ou mais longínquo, facilmente identificaremos

fragmentos da nossa vida em que o processo de aprendizagem não só foi desenvolvido com sucesso, como também se caracterizou pelo elevado grau de autonomia nas decisões que se foram tomando, pela gestão pessoal que se protagonizou e pelo prazer que se sentiu, durante e após a aprendizagem.

Aprender a conduzir uma bicicleta ou um automóvel, a utilizar um computador, a confeccionar uma especialidade gastronómica, a nadar ou a dar um simples nó nos atacadores dos sapatos, assumem-se como algumas das recordações mais frequentemente evocadas quando – em diversos contextos e com educadores(as) que exercem a sua actividade profissional em diferentes níveis de ensino – solicitamos a pessoas que nos verbalizem uma aprendizagem que tenham vivido e da qual se recordem perfeitamente. Diferentes «*porquês*», diversos «*comos*» e distintos «*quantos*». De semelhante, na esmagadora maioria das situações, o prazer de ter aprendido. Em praticamente todas as situações, verifica-se uma evidente instrumentalidade do conteúdo da aprendizagem, facto que não só é compatível com o prazer que se sentiu, como parece revelar o carácter fundamental da existência desta ligação *instrumentalidade futura–prazer presente* na, eventual, explicação do sucesso dos processos de aprendizagem que são recordados e verbalizados pela grande maioria das pessoas a quem temos solicitado que evoquem uma aprendizagem. Tais circunstâncias verificaram-se, aliás, nos mais de duzentos testemunhos de aprendizagem que os participantes neste IX Encontro da A.P.E.I. fizeram o favor de escrever em pequenas folhas de papel.

A **felicidade** parece, pois, ser um conceito chave no sucesso das aprendizagens que se caracterizam pelo elevado grau de autonomia na gestão dos respectivos processos, por parte de quem aprende, e pelo sucesso obtido nos respectivos resultados. Razão e emoção parecem, assim, ser duas dimensões de uma mesma realidade: aprender. Querer e gostar, parecem ser pilares do mandar. Alterando um pouco o provérbio, quase que poderíamos dizer que o «*quero, posso e mando*» se poderia rescrever, de forma a ficar «**quero, posso e gosto, logo decido aprender**».

Que felicidades?

Nesta geometria pessoal, pedagógica e circunstancialmente variável, que caracteriza os processos de aprendizagem, evidenciaremos três dos, eventuais e possíveis, vértices, em torno dos quais parecem consolidar-se os alicerces da felicidade de aprender: a felicidade do querer; a felicidade do poder; a felicidade do gostar.

(1) A felicidade do querer aprender

A ausência do querer aprender, eventualmente um dos mais graves problemas com que se debatem muitos(as) educadores(as), parece ser uma realidade que é directamente proporcional ao nível de ensino em que estes(as) exercem a sua actividade profissional. Se, na infância, o querer aprender, em contexto escolar, é uma realidade facilmente constatável em quem aprende, na adolescência esta é uma realidade bastante menos frequente. Muitos(as) educadores confrontam-se, no presente, com jovens que não querem aprender, nas escolas, aquilo que é suposto aprenderem. Obviamente que, na outra face desta realidade, muitos(as) jovens se vêem hoje obrigados(as) a aprenderem aquilo que não querem aprender. Naturalmente que destas duas dimensões da mesma realidade não resultarão grandes momentos de prazer.

Nestas condições, as atitudes e sentimentos face à aprendizagem serão, naturalmente, pouco positivos, com todas as consequências que decorrerão em função dessa, desfavorável, posição de partida. Problemas como a indisciplina, a baixa assiduidade, o abandono precoce, entre outros, que caracterizam, em parte, algumas realidades educativas, terão parte importante da sua génese nesta ausência da felicidade do querer aprender.

É, para nós, razão suficiente para a existência do prazer, o envolvimento do indivíduo num processo de aprendizagem que desejou e quer percorrer. Querer aprender é, paradoxalmente, uma atitude e um

comportamento de todos os dias e uma realidade ausente, demasiadas vezes, nos locais, nos tempos e nas instituições em que seria suposto ser mais frequente.

(ii) A felicidade do poder aprender

Muitas vezes se diz que «*querer é poder*». No entanto, também é verdade que, frequentemente, apesar de querermos, sentimos que não conseguimos aprender o que desejamos. Esta sensação de incapacidade é paralisante e afectará, de forma marcante, a disponibilidade volitiva, afectiva e atitudinal de quem quer aprender. Se o sentimento associado à capacidade de aprender é um sentimento do presente, as respectivas consequências manifestar-se-ão no presente e, principalmente, no futuro. Na realidade, uma sucessão de episódios de **aprendizagens inacessíveis** poderão deixar um rasto dramaticamente paralisante, de efeitos negativos e cumulativos nas infra-estruturas psicoafectivas dos indivíduos. Por outro lado, uma sucessão de **aprendizagens possíveis**, realizadas com sucesso, deixarão, eventualmente, um reforço positivo dessas mesmas infra-estruturas e proporcionarão, certamente, momentos de prazer, antes, durante e após a vivência dos processos de aprendizagem.

(iii) A felicidade do gostar de aprender

Gostar de aprender é, para nós, um sentimento natural em qualquer indivíduo. De facto, se aprender é um dos comportamentos racionais mais inatos e naturais da espécie humana, a dimensão afectiva e emocional associada à aprendizagem é, concomitantemente, uma realidade indissociável. Aprender, em circunstâncias nas quais se quer e se pode aprender, reforçará, certamente, os alicerces afectivos e decisoriais da própria aprendizagem, nos quais se funda a atitude de abertura e de mudança que faz com que os indivíduos assumam a aprendizagem, não só como uma das suas necessidades mais básicas, mas também como um processo natural e saudável de um permanente e personalizado mecanismo de adaptação às diferentes e imponderáveis circunstâncias do mundo em que vivem.

Concluindo...

A Felicidade não é, de facto, um conceito muito científico, uma vez que não será facilmente mensurável. O que não significa, em nossa opinião, que seja uma realidade pouco importante em Educação. Pelo contrário, como se provou pelos próprios testemunhos de aprendizagem dos participantes neste IX Encontro da APEI e, principalmente, pelas expressões inesquecíveis dos respectivos rostos - aquando da leitura que efectuámos, no decurso da nossa comunicação, de alguns desses testemunhos - esse sentimento de Felicidade estava associado à maioria das aprendizagens evocadas. A felicidade de *ter conseguido* aprender a andar de bicicleta; a felicidade de *querer* aprender, todos os dias, a ser mãe; a felicidade de *ter gostado* dos momentos inesquecíveis em que aprendeu a ser professora de uma criança deficiente. Três exemplos recolhidos, de entre as mais de duas centenas de recordações que os(as) participantes neste IX Encontro fizeram o favor de partilhar.

Naturalmente que, após as linhas em que tentámos escrever, não só aquilo que pensamos mas também aquilo que sentimos, estamos convictos que, na edificação da identidade profissional de qualquer educador(a), esta dimensão da felicidade presente da Educação deverá assumir-se como uma dimensão importante. Aprender a criar ambientes de aprendizagem, nos quais os indivíduos aprendam com eficácia e rigor, retirando, simultaneamente, nesses momentos, o prazer presente e a saudade futura de voltar a aprender, é, para nós, uma competência essencial no perfil de qualquer profissional. Para que todos aqueles que, um dia, passámos para a outra face da realidade, nunca nos esqueçamos daquela inesquecível questão que tantas vezes colocámos a nós próprios: «*Para que é que tudo isto contribui para a minha felicidade?*».